S. PAULO (BRASIL) Sábado, 19 de abril 1913 ANO XII — N. 187

Publica-se aos sabados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegráfico: LANTERNA

Toda correspondência ao director

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

Grande comicio de protesto

no dia 20 do corrente, domingo, ás 4 horas em ponto da tarde

NO LARGO DE S. FRANCISCO

POVO! TRABALHADORES!

E' chegado o momento de virmos a publico expor as nossas precarias condições, de patentear na praça publica o estado de penuria que nos domina em consequencia da ganancia insaciavel dos exploradores que acaparraram todas as riquezas sociais.

Os grandes argentarios, na sua ansia desesperada de acumular fortunas, conluiaram-se entre si formando os trusts poderosos. Tudo monopolizaram, tudo açambarcaram, determinando com essa acção criminosa a carestia geral que, num crescendo assustador, cruciantemente nos assuberba.

Os alugueis já absorvem grande parte do ganho de cada um, obrigando o povo que vive do seu trabalho insano a se alimentar com os generos de infima qualidade, falsificados ou já deteriorados, pois o que é bom e puro só os aquinhoados da fortuna podem consumir.

O povo que produz, o povo que é o unico factor de todas as grandezas desta sociedade, já sente a miseria bater-lhe á porta.

E esta situação, muito ao contrario de tender ao fim proximo, patenteia-se de dia para dia para mais ameaçadora.

Urge, portanto, que os interessados, os trabalhadores e o povo em geral se agitem, em defesa dos seus interesses, unica maneira de serem respeitados os seus direitos á vida.

POVO! TRABALHADORES!

E' necessario agir prontamente, vir á praça publica protestar contra este insustentavel estado de coisas.

E' com esse fim que se realizará o grande comicio no DOMINGO, ÁS 4 1|2 HORAS DA TARDE, NO LARGO DE S. FRANCISCO.

NOS ARRABALDES

Para tomar parte no GRANDE COMICIO DO LARGO DE S. FRANCISCO, virá o povo dos seguintes bairros:

Na Moóca — O povo reunir-se-á, ÁS 3 HORAS DA TARDE, NO CRUZAMENTO DAS RUAS DA MOÓCA E JOÃO ANTONIO DE OLIVEIRA, de onde virá para o Largo da Concordia;

No Braz — Realizar-se-á o comicio no LARGO DA CONCORDIA, ÁS 3 E 1|2 HORAS DA TARDE, de onde o povo virá, conjuntamente com a coluna da Moóca, para o largo de S. Francisco;

No Bexiga — Realizar-se-á o comicio ÁS 3 E 1|2 HORAS DA TARDE, NO CRUZAMENTO DAS RUAS S. ANTONIO E 13 DE MAIO, para de lá vir para o largo de S. Francisco;

No Bom Retiro — Reunir-se-á o povo no cruzamento das ruas DA GRAÇA E TRES RIOS, ÁS 3 E 1|2 DA TARDE;

No Cambuci — O comicio terá lugar ÁS 3 HORAS DA TARDE, NO LARGO DO CAMBUCI.

POVO! TRABALHADORES!

AOS COMICIOS DOS ARRABALDES E TODOS EM MASSA PARA O GRANDE COMICIO DO LARGO DE S. FRANCISCO, ÁS 4 HORAS DA TARDE DO DIA 20 DO CORRENTE!

A Liga Popular Contra a Carestia da Vida.

A triste situação do povo



— Uê lá, desgraçado. Esfalfa-te, morre, mas cumpre submissamente os teus deveres para com a sociedade que sou eu. Assim o mandou o Pai que está no céu...

O HOMEM

III

O homem é o terminus duma longa evolução cujos principios se perdem na nôite dos tempos; a sua existencia durante a ultima parte do periodo terciario está irrefutavelmente demonstrada pelos numerosos fósseis encontrados e pelos descobertos nestes ultimos anos.

Ha atrás dele um passado, duma tal duração, que as narrações biblicas, com a criação do homem ha seis mil anos, por um deus revelado, nem mesmo merecem refutação, tão pueris são e em tal contradição estão com os factos scientificos mais claros e simples, com os dados da geologia, da arqueologia ou geologia prehistorica.

Os trabalhos dos egiptologos e dos indianistas baseados sobre as excavações e sobre numerosas descobertas, assim como sobre a interpretação das inscrições geroglificas, dos livros das inscrições antigas, demonstram a existencia, nas antigas regiões do Nilo e do Ganges etc., de um grau de cultura intelectual e de uma civilização extremamente notavel, mesmo no tempo em que, segundo a biblia, o primeiro homem tinha sido criado.

Da mesma forma, as tradições, relatando os factos passados no Egipto ha 120 seculos, na China ha 300 e na India ha 1300, demonstram, em face das descobertas arqueologicas: esqueletos, utensilios, armas, encontradas em Chelles, Saint-Acheul, Solutré, Neanderthal, Laugerie, Chacelade, Cro-Magnon, Dordogne, etc., que o homem viveu no periodo quartenario e que os seus antepassados imediatos: o *pithécanthropus erectus* descoberto em Java em 1894 e descrito por Nehring; e o possuidor do craneo de Sambaqué de Santos (Brasil) que tem a mesma contração (sinal de origem simiana) que o de Java, existiam durante o periodo terciario, anteriormente ao primeiro periodo glaciario e eram contemporaneos da rena, do mamute, do urso das cavernas, do elefante meridional e do rinocerante de Merki. Então a superficie da terra apresentava, em grande parte, uma conformação geografica e uma distribuição de climas, completamente diferente das actuais.

C. Novel.

A religião, instrumento de dominação

Traduzimos de *La Libre Pensée*, de Lausanne, o artigo abaixo, por mostrar e comentar devidamente o estado de espirito de certos scépticos em religião, que a acham necessaria... para o povo. Chama-se o artigo: *Os nossos amos de amanhã*:

Na revista *Helvetia* (Berna, dezembro de 1912), publicada pela Sociedade de estudantes do mesmo nome, o sr. F. Savary Junior, filho do secretario do Sínodo, inseriu um trabalho sobre: "O papel social das religiões no Estado", estudo que constitui uma defesa do cristianismo em geral e da Igreja nacional valdense em particular.

Esse trabalho tem um merito incontestavel: é a sua franqueza. E' dificil dizer mais abertamente que se zomba de qualquer ideal, contanto que o Estado possa manter a ordem social estabelecida.

Escutemos:

"O papel do Estado é tornar o povo o mais feliz possivel. Se a religião torna feliz uma parte da população, é quanto basta. Não se trata de saber se essa religião é justa ou falsa. Se a ilusão der a felicidade, mantenhamos precisamente *(sic)* essa ilusão" (pag. 374).

O argumento toma todo o seu valor se, em lugar das expressões gerais, são introduzidos os termos especiais indicados pelo proprio autor no fim do seu trabalho.

"O papel da Republica e do cantão de Vaud é dar a maior felicidade possivel aos valdenses. Se a Igreja nacional valdense torna feliz uma parte da população, é quanto basta. Não se trata de saber se essa religião é justa ou falsa. Se as doutrinas da Igreja nacional valdense dão a felicidade, mantenhamos precisamente essa ilusão."

Suponhamos que, amanhã, a filosofia anarquista acha adeptos numa "parte da população" e esta a julga necessaria á sua felicidade. O sr. Savary, sendo logico, não deveria ver nisso inconveniente algum e deveria dizer: "Se a filosofia anarquista dá a felicidade — pouco importa que essa filosofia seja justa ou falsa — mantenhamos precisamente essa filosofia." Mas o sr. Savary não o diz. Detesta a anarquia.

UNAMO-NOS!

A nenhum de nós é hoje permitido duvidar que a conquista da America do Sul, especialmente do Brazil, por parte do clero catolico, é coisa assentada e fóra de discussão.

Dissemos conquista, porém: reconquista seria um termo mais justo, mais exacto.

Sabe-se que com a quéda da monarquia e a subsequente implantação do regime republicano deixou o catolicismo de ser a religião oficial, passando para a mesma categoria dos demais credos aqui estabelecidos.

Tendo cessado desde então todas as vantagens materiais que lhes advinham da sua situação privilegiada, trataram os seus ministros desde logo de, por meios indirectos, desforrar-se, sem que entretanto isso désse muito na vista, sorrateiramente.

E não se pode dizer que não tenham colhido os melhores resultados com o metodo de acção que lhes é peculiar para os fins que teem em mente.

Para tal, é verdade, contavam e contam com armas poderosissimas que nenhum adversario pode opor, tão solidas como eles.

Mestres emeritos na arte de subjugar vontades, tendo ao seu dispor o formidavel exercito feminino, diante do qual o homem, mesmo o mais inflexivel, quasi sempre sucumbe, facil lhes foi, em pouco tempo, tornarem-se senhores do campo.

Perdidas simultaneamente duas grandes praças fortes, como eram a França e Portugal, depois dos titanicos esforços de admiraveis e corajosos assaltantes, retiraram-se os vencidos, vindo então reforçar ainda mais as fileiras clericais das hostes que já ameaçam lançar por terra o edificio construido pelos homens de 89.

A reacção manifesta-se abertamente, e para nós outros o perigo é enorme. Basta lançar um golpe de vista por todo o vasto territorio brazileiro, para ver como a situação é prenhe de obstaculos a uma acção que tenha por fim livrar, se ainda é tempo, o povo das garras dos abutres romanos.

Para nós, que vemos as nuvens de jesuitas que, como gafanhotos, vão cobrindo o país, não tardando este a sentir os efeitos da devastação que se prepara, a situação desenha-se clara.

A influencia nefasta do jesuita manifesta-se por toda parte: nas leis restrictivas da liberdade individual, do salariato e da economia social, das quais a mais feroz e típica é a da expulsão de estrangeiros, esta monstruosidade com que afronta a civilisação a corja de degenerados, de gosadores impudentes que se dizem representantes do povo.

Diante do que vemos, é preciso entretanto não nos deixarmos quedar como muçulmanos á espera que Alá intervenha, ou como os cristãos com a sua — Divina Providencia —.

Se queremos que o mal não se apodere de todo o corpo social, gangrenando-o, unamo-nos desde já todos, façamos um supremo esforço, cerremos fileiras em torno da nossa bandeira de combate ameaçada, e estejamos certos que os indiferentes, os comodistas, mesmo os fracos de animo nos acompanharão no combate.

Assistir sem um protesto, sem revolta, á pouca vergonha que por ai vai, é proprio de seres que já não podem discernir entre o que é belo e nobre e o que é nojento e aviltante. Isto é o que nenhum homem que tem a consciencia dos seus deveres deve querer.

Unamo-nos por conseguinte todos em defesa da nossa liberdade. O momento exige que estejamos alertas para não sermos apanhados de surpreza.

Velemos pelos nossos direitos!

Adrecal.

Rio, 13 — IV — 1913.

Igreja às escuras?!

FESTA... SEM LUZ. — O dr. Baltazar de Bem, intendente de Cachoeira, depois de um atrito com o vigario daquela localidade, mandou cortar a luz eletrica da igreja, antes dos festejos da Semana Santa.

Este acto provocou protestos da parte do povo cachoeirense, sendo nomeada uma comissão de senhoras, afim de angariar donativos, para a igreja ter luz propria.

Uma igreja ás escuras! Não compreendemos. Estavamos certos que a igreja era a casa de Deus, d'Aquele que não sabemos bem ha quantos mil anos, dizendo «*Fiat lux*», iluminou toda esta *meleca*... Palavra d'honra que não compreendemos...

Deve haver engano. A casa do Senhor ás escuras só porque o sr. Bem, o intendente, mandou cortar o fio eletrico!

Qual! Não podemos acreditar ainda mesmo que a noticia nos viesse lá do Oriente pela boca de Baltazar, o mago.

OS PADRES E A GUERRA

Num jornal de Munich, o dr. Hans Barth publica um veemente libelo acusatorio contra os cristãos balcánicos. Eis uma passagem:

«Ainda se me confrange o coração, quando penso nessa tarde de novembro, em Salónica. O cais, cheio de soldados e comitatchis gregos e búlgaros, entre os quais helenos em trajes festivos, de revólver pronto a disparar a cada instante, em sinal de regozijo... De repente, a turba abre alas. Um «papàs» grego subalterno avança, trazendo na mão uma enorme bandeira azul e branca e na cabeça um chapéu alto sem aba, bem como a repugnante madeixa polaca (trança de cabelos aglutinados pela porcaria); na face vermelha e papuda, agitam-se maldosamente dois olhinhos. Vem lentamente, solenemente, brandindo sempre a sua bandeira. Mas, atrás dele, como na Via Crucis dos velhos mestres, dois pobres diabos acorrentados, com o uniforme escuro dos telegrafistas militares turcos, são maltratados, espancados, empurrados por uma turba berradora, que arrasta esses desgraçados para a praça onde hão de ser julgados.

Nunca o horrivel abismo entre a doutrina cristã e a sua prática me impressionou tanto como nesta guerra, e certamente, tanto como para mim, todos os cristãos europeus (não «cristãos balcánicos», notai bem). Em toda a sua vida, Cesar Borgia, Torquemada e Tilly não causaram tantos estragos como em poucos meses o clero balcánico, o verdadeiro instigador desses horrores. Mesmo o mais furioso fanatico espanhol nada é ao lado dos padres que, na guerra turca, trucidam em nome de Cristo. Olhai-a apenas, essa padralhada benigna, esse rosto sarcastico e satisfeito de kalchas (padre)! No peito, um imenso crucifixo de oiro ou de prata, à cinta duas pistolas e, sendo possivel, um iatagan!... *Ad majorem Dei gloriam!*

Fóra, amontoam-se os cadaveres em pilhas, o fedor cadaverico persegue-nos até no hotel. Que importa isso aos prégadores do amor? Estão sentados no café, vermelhos, esvaziam cálices de licor uns após outros, fazem politica, fanfarronam e consentem que os soldados e os bandidos se comprimam em volta da mesa deles e lhes beijem a mão peluda de pope... para correr logo, com a benção do «papàs» a novos assassinatos.

E' o «papàs», o padre, que tem a culpa dessa grande matança. Porque é atiçando o odio religioso que o clero balcánico mantêm, e para si só, a sua situação omnipotente. Ao instante em que os povos começassem a duvidar da omnisciencia e divindade do pope, lá se iria a sua dominação; e nem as pessoas «cultivadas», nem as que o não são, tornariam a beijar a mão do kalchas... Mas esses tempos estão ainda distantes, afastados para bem longe pela conscienciosa carnificina em nome de Deus e da humanidade...



Os ovos de pascoa

Segundo a grande revista medica ingleza *Lancet*, a origem do costume dos ovos de pascõa é scientifica, e não lendaria ou religiosa; religiosa apenas duma forma indirecta.

O ovo — o ovo de galinha, é claro, não o de chocolate ou farinha e açúcar — contêm uma dose máxima de lecitina, que tão excelente efeito exerce sobre a nutrição.

Por causa dessa riqueza, por causa do efeito da lecitina e do seo valor nutritivo, é que na idade media se acreditava que era preciso comer ovos durante o jejum da quaresma.

O que, para ele, constitui o grande titulo de gloria do cristianismo é ter este feito suportar muitas vidas "sem revoltas, sem queixas, sem clamores. Quantas miserias ele não tornou alegres e resignadas, quantos pobres contentes, quantos martires felizes!" (Pag. 374).

Aqui bate o ponto: o cristianismo mata o espirito de revolta. Esse é o seu grande merito, porque desse modo garante o poder do Estado, distribuidor de felicidade ao povo; o Estado deve, pois, ser o mais poderoso possivel. Deverá dominar a Igreja. "Com efeito, diz-nos o sr. Savary, se o clero for favoravel ao governo, mais força terá este sobre os seus administrados."

Eis a "razão de Estado" em todo o seu esplendor! Que importa a verdade? Que importa a dignidade? Que importa a acção desinteressada? Que importa mesmo a fé sincera? O que apenas importa é o Estado, ou antes o seu governo que faz patriarcalmente a "felicidade" dos seus governados. E estes, com a resignação dada pela religião cristã, igualmente administrada pelo governo, nada mais farão do que deixar correr.

Mas, ó sr. Savary, o seu ideal foi realizado nos Estados pontificios e na Russia bem melhor do que no cantão de Vaud! Que ventura viver sob o scetro do tsar!

"Não! diz-nos o sr. Savary. Podemos achar necessaria a influencia da Igreja, mas deseja-la inteiramente separada do Estado. Aqui, divido a minha opinião segundo os paises." (Pag. 375.) A separação seria nefasta em Lausanne, mas é talvez excelente em Thonon.

Verdade aquem dos Pirinéus, êrro além.

Mas fazemos mal falando de verdade ou de êrro! Tudo isso já não tem importancia alguma! O que ha agora unicamente é o governo e a hipotese Deus. Só essas duas coisas é que são essenciais. "Para o povo é necessario um Deus-policia que pune o que o codigo não pune, e que obriga os homens, sob pena de danação, a seguirem o caminho da moral e da honestidade." (Pag. 373.) E' o sr. Savary quem o diz com todas as letras.

E, por cima desse povo idiota e mantido idiota pela padraria paga por todos os contribuintes, o governo-providencia (unico santo, uni- incarnado talvez no sr. Savary Junior e em alguns dos seus amigos — realizará a felicidade dos valdenses.

Amen.

James Moutz.

Intolerancia?!

Em um colega do interior encontramos a seguinte noticia:

INTOLERANCIA — O vigario de Ibitinga recusou-se a celebrar a missa de setimo dia em sufragio da alma do professor Julio Mallet, alegando ter sido o falecido veneravel da Loja Maçonica.

O tal vigario, conego dr. Manoel Borges Ferreira, demonstrou assim a sua intolerancia religiosa e os outros foram bobos em procura-lo.

Intolerante o padre?! Não concordamos. Bastante consequente é o que ele foi, se o facto se deu tal qual nos é relatado pela notícia acima.

Incoerentes foram os que levaram o corpo de um maçon á igreja para que recebesse a encomendação do padre.

Poderiamos chamar de intolerante um livre pensador que se negasse a servir de sacristão?

Agora, damos o dito por não dito, se se trata de maçons do jaez desses que constituem a maioria dominadora das lojas e que são mais clericais que os proprios padres...

O povo contra a carestia da vida

O comicio de amanhã — O que se fará — O trabalho feito pela Liga Popular Contra á Carestia da Vida — Bravatas dum delegadete.

Promete ter uma extraordinaria imponencia o comicio que amanhã será realizado no Largo de S. Francisco, com o qual o povo desta cidade lançará o seu solene protesto contra a exploração dos condecorados ladrões de casaca.

Ha quasi que precisamente um mez, a Liga Popular Contra a Carestia da Vida, retomando a sua obra iniciada em junho do ano transacto, deu começo á presente agitação, não contando para a levar a cabo senão com minguadissimos recursos e tendo contra si a indiferença e até a guerra da grande imprensa, preocupada com a politicagem corruptora e com a defesa das grandes transações economicas lançadas pelos governantes para cobrir as faltas por eles deixadas nos cofres publicos.

Apesar da conjura do silencio feita pelos grandes diarios, a campanha vem sendo feita com grande sucesso, tudo indicando que se conseguirá, pelo menos, tornar bem patente a obra infame dos senhores que enriquecem á custa do sacrificio do povo.

O comité da Liga, desenvolvendo grande actividade, já realizou 16 comicios, todos muito concorridos e animados. O primeiro teve lugar no dia 15 de março p. passado, seguindo-se-lhe outros nos seguintes pontos: Braz (largo da Concordia), Bom Retiro (rua Tenente Pena), Barra Funda, Campos Eliseos, Vila Mariana, Bexiga, Moóca, Belemzinho (largo S. João), Parí, Cambuci, Lapa, Ponte Pequena, Belemzinho (largo S. José), Ipiranga, Braz (rua Caetano Pinto).

Em todas essas grandes assembleias publicas combateu-se com energia a exploração burguesa, sempre mais acentuada; aconselhou-se o povo a não servir de instrumento aos politiqueiros profissionais que se dizem seus defensores; demonstrou-se a necessidade da agitação publica tendente ao patrocinio dos interesses de todos, patenteou-se enfim a necessidade da união dos trabalhadores para a luta em favor dos direitos.

Aproveitando a ocasião, por toda a parte distribuiu-se largamente jornais e boletins de propaganda e o *Inno al padron di casa*.

E essa agitação, que atingirá com o comicio de amanhã proporções animadoras, não cessará, não terá fim emquanto não se conseguir pelo menos limitar a exploração dos acaparradores das riquesas sociais.

Para que essa grande manifestação possa sintetizar bem fortemente o protesto do povo, necessario é que todos a ele concorram, contribuindo tambem para a sua devida preparação por todos os recantos de S. Paulo.

A Liga Popular Contra a Carestia da Vida já reuniu nas duas quintas-feiras ultimas todos os subcomités dos arrabaldes e dos representantes de agremiações de propaganda.

Acederam ao convite da Liga e prestarão o concurso do seu esforço na preparação do comicio de amanhã as seguintes entidades: Sindicato Operario de Oficios Varios, Sindicato dos Pedreiros, Estucadores e Serventes, União Grafica, União dos Canteiros, Grupo Libertario Germinal, Circulo de Estudos Sociais Francisco Ferrer, Circulo de Estudos Sociais Conquista do Porvir.

Muitas associações e grupos levarão bandeiras e cartazes alusivos á agitação. Serão distribuidos jornais, boletins e em avulsos *A Internacional* e o *Inno al padron di casa*.

Como se vê, vai uma bela jornada de agitação popular.

No Braz

No dia 15, ás 7 horas da noite, realizou a Liga Contra a Carestia da Vida mais um comicio no populoso bairro do Braz, á rua Caetano Pinto, esquina da rua Paraná.

Falou em primeiro lugar Antonio Nalepinsk, que explicou o motivo daquele comicio e expoz as causas principais da carestia da vida.

Depois fizeram tambem uso da palavra João Penteado, Francisco Calvo, Angelo Scala, Edgard Leuenroth e Zenon Budazweaki, que encerrou o comicio.

A concorrencia de povo foi grande. E não era de esperar outro acontecimento naquele bairro, cujos habitantes são na maioria homens que vivem do proprio trabalho e sofrem grandes privações de recursos, a braços com a miseria, enquanto os açambarcadores dos generos de primeira necessidade, protegidos pela lei, vivem larga e abundantemente, despreocupados, felizes, desfrutando os fabulosos lucros resultantes de suas torpes explorações.

Assim, pois, justos, significativos foram os aplausos aii dispensados aos oradores que falaram em nome do povo, convidando-o a agir, a protestar contra este estado de coisas.

No Bom Retiro

Sendo este bairro um dos mais populosos de S. Paulo, resolveu a Liga Popular Contra a Carestia da Vida realizar ali mais um comicio, que teve lugar no domingo ultimo, no cruzamento das ruas da Graça e Tres Rios.

A concorrencia foi bastante mais numerosa que a do primeiro, mostrando-se muito animada a compacta multidão que á hora anunciada, 7 da noite, enchia o local indicado.

Falou em primeiro lugar o companheiro A. Nalepinski, que expoz os fins da agitação, demonstrando em linguagem simples a situação penosa dos trabalhadores, os mais directamente atingidos pela exploração dos açambarcadores.

Terminou aconselhando os trabalhadores a se organizarem em sindicatos de resistencia para fazerem valer os seus direitos, e o povo em geral a persistir na agitação publica contra a acção gananciosa dos que formam os *trusts*.

A seguir tomou a palavra um popular, o sr. Antonio Soares dos Santos, combatendo com vehemencia o procedimento desses que, apregoando-se representantes de uma democracia, vivem a roubar o povo, de dia para dia mais sacrificado.

Um incidente, um curioso incidente interrompeu a boa marcha do excelente comicio. Um sr. que, havia alguns instantes, estava metido entre o povo assim com ares de quem tem qualquer coisa atravessada na garganta, foi até á improvisada e incomoda tribuna e interrompeu o orador.

— Que é isto aqui?

— E', como deve vêr, um comicio contra a carestia da vida.

— Não póde continuar, disse o homem que parecia ter qualquer coisa atravessada na garganta. E, assumindo assim a atitude de inspector de quarteirão da roça, agarrou o orador pelo braço, entregando-o a uma praça para que o levasse para a delegacia proxima.

Intervieram representantes da Liga Popular Contra a Carestia da Vida que, chamando a si a responsabilidade da reunião, protestaram contra semelhante violencia, reclamando a liberdade do sr. Antonio Soares dos Santos.

Ao bem enfarpelado perturbador da ordem foi dito que aquele não era o primeiro comicio realizado, já mais de uma duzia deles tinham sido levados a efeito na mais santa paz do Senhor...

Qual, o *chantecler* do bairro não quiz dar ouvidos a razão alguma. Ali mandava ele.

O companheiro Edgard Leuenroth disse-lhe que o comicio tinha sido convocado pela Liga e por isso, como membro do seu comité, reclamava a liberdade do popular preso e prontificava-se a prestar as informações que desejasse.

Tal não fizesse! Foi tambem agarrado pelo esbirralho da zona.

— Isto é um abuso. Não somos bandidos para que nos agarrem assim.

— Respeite a autoridade, vociferava o homenzinho.

— Só agora é que o conhecemos como tal.

«Não pode! Não pode!» já gritava o povo indignado. E a reunião, que ia correndo tão em ordem, já ameaçava acabar em *encrenca*, quando com o comparecimento do delegado da Central o homem das bravatas teve de meter a viola no saco.

Por entre os aplausos e as exclamações da multidão, o sr. Antonio Soares dos Santos voltou á tribuna para terminar o seu discurso tão estupidamente interrompido.

Falou depois o companheiro Edgard, evidenciando a situação precaria do povo trabalhador, que já sente á negra miseria bater-lhes á porta e da qual só se libertará pelo seu proprio esforço, agitando-se constante e energicamente, organizando-se em fortes associações de luta.

Usaram ainda da palavra os companheiros José Romero e Zenon, demonstrando a premente necessidade da união dos trabalhadores que são as principais vítimas de todas as crises economicas.

Tornou a falar Edgard Leuenroth para convidar o povo do Bom Retiro a comparecer ao grande comicio de amanhã, 20, e a formar o sub-comité local, que ficou imediatamente constituido.

Em outras cidades

NO RIO — Promovido pela Federação Operaria, de acôrdo com a Confederação Operaria Brazileira, realizar-se-á um grande comicio no largo de S. Francisco, ao qual comparecerão numerosas associações de luta.

NO MACHADO — Tambem nesta cidade do Estado de Minas será realizado um comicio publico pela activa Liga Operaria local.



Joseph Jubert

Está satisfeita a sêde de vingança torpe dos caciques da politicagem de Sorocaba.

O bom companheiro Joseph Jubert já se encontra metido entre as grades da prisão para gaudio da canalha vil que ele, com a sua independencia e coragem, não deixava em paz.

Os nossos leitores já conhecem Joseph Jaubert. E' um lutador incançavel, de tempera rija, altivo, que em toda a parte onde esteve mostrou sempre quanto vale uma conciencia forte ao serviço de homens de pulso firme.

Residindo constantemente no interior, ganhando a vida laboriosamente como professor ou no seu oficio de marceneiro, Jubert não raro teve contra si o odio implacavel dos regulos que, por meio da politiquice, dominam as pequenas cidades.

De Atibaia saiu ele devido a um processo, em Bragança aconteceu-lhe o mesmo por causa da campanha feita pela *Lanterna* contra um padre assatardanado que naquela cidade pertencia á camorra da politicagem local.

A pena de Jubert é inexoravel, corta como o bisturi cirurgico. Daí o terror que infunde aos bandidos de casaca. E como não o podiam fazer calar de outra forma, processavam-no, arrancando a sua condenação dos lacaios da senhora dos olhos vendados.

Foi o que se deu em Sorocaba, onde o querido companheiro, defendendo os operarios de uma oficina local, foi obrigado a fustigar um pergaminhado qualquer. Veiu um processo, porêm o juiz, num admiravel gesto de independencia, despronunciou-o. Apelaram para o Tribunal de Justiça. Movimentaram-se os caciques todos, a sentença foi reformada e Jubert condenado a quatro meses de prisão e 450$ de multa!

Estava satisfeita a vontade dos caciques, que pretendiam ver o moço decidido fóra dos seus dominios. Mas Jubert ainda uma vez mostrou o que é. Devendo realizar-se naquela cidade um comicio contra a carestia da vida, Jubert foi á policia levar a comunicação regulamentar. Lá ficou.

E a esta horas deve estar ele metido no uniforme penitenciario.

Na Penitenciaria não havia vaga algum, mas para Jubert encontraram-na. Fosse um apaniguado dos exploradores e teria o Estado Maior.

Não lamentemos. Essa é a sorte dos homens fortes, dos que atravessam a vida de viseira erguida.

Ao valente companheiro vá a nossa mais ardente saudação.

Aos bandidos que o meteram na prisão dizemos: canalha, dia virá em que ajustaremos conta!

ADOLFO ANTA

Adolfo Anta, o operario preso ha quatro meses em Santos, ainda se encontra na Detenção do Rio!

Porque o prenderam? que crime cometeu ele?

Respondam os senhores que dominam esta vasta senzala paulista.

Isto já nem tem mais qualificativo.

Sabem qual foi o horrivel delito cometido por Adolfo Anta?

Não?!... Escutem...

Em janeiro, a Federação Operaria de Santos, atendendo a um apelo da sua congenere argentina, resolveu realizar um comicio para protestar contra as leis sceleradas. Sendo necessario fazer a comunicação á autoridade policial, Adolfo Anta foi encarregado de leva-la á delegacia.

Foi... e de lá não saiu. Aquela acabada figura de jesuita, que exerce o cargo de esbirromór naquela cidade, prendeu-o e mandou-o para o Rio.

E Adolfo Anta ainda lá se encontra, sem culpa formada. Está sem roupa e passando as mais duras privações.

Não pararam aí as bravuras do delegado. Depois de ter a vítima nas suas garras, alguns esbirros foram ao seu quarto, arrombaram-lhe a porta, vasculharam-lhe as malas, levando os livros, folhetos e mais objectos que encontraram.

E enquanto os operarios sofrem destas violencias, é pela autoridade dada livre fuga ao filho do dr. G. Carvalhal, leader da bancada paulista na Camara Federal, um tal Antero, useiro e veseiro em proesas d. juanescas e que agora, certo da impunidade, lá deflorou uma pobre moça!

E mesmo em Santos ha um jornal, redigido por infamissimo sujeito, que está atacando os operarios porque eles mandam relatar estas belezas dos seus patrões lá pelo estrangeiro.

No Rio já se nomeou um advogado para tratar de, pelos meios judiciarios, conseguir a liberdade de Adolfo Anta.

O operariado por sua vez vai agir.

E quem não protestará contra uma tal infamia?

ASTROGILDO PEREIRA

LOYOLA, PADRE MESTRE

Lido na ultima "quinta-feira santa" na Liga Anti-clerical do Rio de Janeiro.

Camaradas: não fôra eu apenas o escriba enfezado que sabeis, e ouvirieis, neste momento, uma serie indignada de apostrofes candentes contra Loyola... contra esse mesmo Loyola maneiroso e macio que aparece em publico como tipo perfeito de delicadeza insinuante e suave... Ah! que bem as merecia, esbrazeadas e acutilantes, o mestre insuperavel do embuste!... Infelizmente, camaradas, a minha lingua é curta... é inapta para os grandes arroubos oratorios... Mas nem por isso deixarei de referir-vos as causas deste meu desejo de veemencias tribunicias. Fal-o-ei rapidamente, sem comentario maior.

Sabeis que o *castigo* é um processo irremissivelmente condenado pelos modernos metodos de educação. Pois bem: mestre Loyola, ministro dum Deus de misericordia infinita... Loyola emprega o *castigo* como meio de educação e de ensino...

Eu vou enumerar-vos as especies de *castigos* usados no Colegio Anchieta de Nova-Friburgo. Atendei...

Ha, primeiro, a *coluna*. E' um *castigo* comum. De toda a hora. Banalissimo. Consiste em obrigar o castigado a ficar encostado a uma das colunas que sustentam os barracões dos recreios. O tempo de *castigo* é proporcional ao *crime* cometido. O minimo da *pena* é de meia hora; o maximo é ilimitado. Assim, durante os momentos de *recreio*, ha sempre uns quantos rapazes de pé, proibidos de falar, durante meia, uma, duas e mais horas. Si o tempo de *recreio* não comporta o tempo do *castigo*, este continua nos *recreios* seguintes, até terminar a pena. — Outro *castigo*, tambem banalissimo, é o *penso*. Consiste em obrigar o castigado a escrever ou copiar alguma cousa tantas ou quantas vezes. Suponhamos uma aula de portuguez. Mestre Loyola pergunta o tempo dum verbo qualquer. O aluno não sabe, ou sabe mal. Si o professor desconfia que essa ignorancia é devida á desidia do rapaz... o remedio aí está: copiar *cinco* vezes todos os tempos e modos do verbo em questão. Esse numero de vezes varia ao infinito. (Eu, por exemplo, fui castigado, um dia, com *trinta* copias de não sei que verbo...) A *mesa separada* é outro castigo. E' aplicado durante as refeições. Como o termo indica, cifra-se a uma *mesa separada*, onde o reprobo vai curtir a pena. — *De pé e de joelhos*, na sala de *estudo* e, ás vezes, no refeitorio, não é castigo raro tambem. — As descomposturas são frequentes. Nos recreios, no estudo, no refeitorio... Em toda a parte. E por vezes Loyola é desbocadissimo... — Existe tambem a bordoada. E' raro... mas existe. Mestre Loyola nem sempre sabe se conter, e, nos impetos de raiva, distribui cascudos e cachações com a mesma facilidade com que distribuiria balas... — Ha ainda o *quarto escuro*. Este é destinado aos expulsos do Colegio. Desde que o aluno é eliminado, vai para o *quarto escuro* e lá fica, até que o venham buscar. E' a separação do joio biblico do trigo não menos biblico...

Esses, os *castigos* correntes. Outros haverá, eventuais, de que me não posso recordar. Como vêdes, existe no Colegio Anchieta, em pleno vigor, um *codigo penal* completo...

***

Chamam-se *amiguinhos*, lá no internato, aos rapazes que se namoram. Sorpreendeis-vos?... Eu repito: que se namoram... Porque ha um perfeito namoro. Como entre pessoas de sexo diverso. Notai bem que eu me não refiro a possiveis actos escabrosos. (E digo possiveis pelo simplissimo motivo de que não são impossiveis...) Não. O namoro entre os *amiguinhos* não visa consequencias. E' platonico. E' pouco mais que um *flirt*. Ou talvez menos...

Os *amiguinhos* constituem um facto curiosissimo. Imaginai dous rapazes a se olharem ternamente, longamente... por entre suspiros e risinhos... E a trocarem bilhetinhos amorosos, escorrendo pieguices melosas e apaixonadas. E' um perfeito namoro, com os indefectiveis arrufos e as classicas scenas de ciume...

Curioso... não é?... Curiosissimo... E o melhor é ficarmos neste qualificativo comodo. Cada qual que lhe dê a intensidade que quizer. (Entre parenteses vos digo que a intensidade que eu lhe empresto não será, com certeza, das mais inocentes...) Adiante, porêm...

***

E vai, agora, uma anedota.

Durante o tempo em que lá estive internado, o Colegio Anchieta foi honrado com a visita de varios bispos. Se o calculo não falha, precisamente quatro foram os mitrados que Loyola hospedou no decorrer daqueles doze mezes. Um deles, por sinal, um grau acima de bispo: foi o arcebispo desta Sebastianopolis, este mesmo eminente canastrão que é hoje o cardeal Arcoverde... Os outros tres foram os bispos do Amazonas, do Pará e do Rio de Janeiro, Estado. Estes quatro santissimos varões deixaram-me uma impressão profunda. E caracteristica... Por que...? Porque eram quatro cidadãos solidamente nutridos. Irreverentemente nutridos... Ingenuo e fanatico, eu explicava aquela solidez corporal como um favor divino. Era milagroso... Pois, de certo! Só por milagre um bispo podia ter tanta banha... Porque, parece, um bispo não é um porco. Bem ao contrario, a gente pressupõe no bispo catolico um homem humilde, sobrio, pobre, quasi miseravel. Um homem cujas carnes, martirizadas de cilicios, castigadas de abstinencias, poucas probabilidades teem de gordurosas demonstrações. Um homem, enfim, excessivamente preocupado com a salvação da humanidade, e, portanto, sem tempo quasi de se dedicar a suculencias culinarias. Não é isso o que a gente pressupõe? Mas o milagre tudo pode. O milagre é uma demonstração da omnipotencia divina. O milagre é sobre-humano. O milagre não se discute: constata-se. E foi o que fiz. Eu não discuti: constatei. E' verdade que foi uma constatação que me deixou prodigiosamente assombrado...

Como é de prever, essas visitas motivam varios festejos em honra dos santos hospedes. Seria massante descrever o que são esses festejos. São como todos os festejos. Bandeirolas, galhardetes, musicas e concomitantes condimentos... Apenas eu quero salientar que, á chegada, os alunos formam, em fileiras militares, e recebem o reverendo aos vivas:

— Viva o reverendissimo bispo D. Fulano!...

Pois, — e aqui entra a anedota, — uma vez o Colegio foi visitado por um personagem importante que não era bispo. Era o presidente do Estado do Rio. Justamente o sr.

Nilo Peçanha, o famoso estadista da Loanda e Pendotiba...

Foi á noite. A iluminação era abundante. Formados no grande corredor terreo, nós esperavamos anciosamente o grande homem. Infringindo as regras militares, as nossas cabeças esticavam-se, para fóra das fileiras, perscrutantes. Suavamos, debaixo do solene fardamento de lã. Os *padres-prefeitos* andavam dum lado para o outro, inspecionando as tropas. A banda de musica estava a postos. A postos, tambem, as nossas guelas, para os vivas sacramentais. Por ordem do *padre-ministro*, o viva inicial devia ser dado por um dos *maiores*. Foi designado para isso um de fortes pulmões. Era um rapaz do sexto ano. Um *veterano* da primeira linha. Já antigo no mister de "vivar" reverendissimos...

O sr. presidente apareceu, afinal... A banda rompeu, furiosamente, esta salada musical, que é o hino brasileiro. O sr. Nilo sorria, pondo á mostra a decantada dentuça que o caracteriza... E quando o hino acabou, o tal *veterano* deu um passo á frente da fileira e gritou, estentoricamente, solenissimamente:

— Viva o reverendissimo doutor Nilo Procopio Peçanha!...

Foi um desastre. Ou quasi um desastre. O *padre-ministro*, com um aceno energico, salvou a situação. Não fôra essa energia, e o "viva!" teria sido respondido com a mais escandalosa das gargalhadas...

***

Mas é tempo de terminar... E eu não sei como terminar. A peroração requere periodos rasgados e gestos largos... requere palavras quentes e acentos impetuosos, punhos cerrados e mãos espalmadas ao alto... Ora, eu sou absolutamente incapaz dessas coisas. Irremediavelmente incapaz. Não sei, não posso, e talvez não queira, ir alêm desse martelamento seco de frases curtas e gaguejadas... Isto é mau, com certeza. Mas bem vêdes que não é por culpa minha. Nem todo o mundo nasce orador. Ha muitos sujeitos que nascem açougueiros... E' um facto. Eu não nasci açougueiro, é verdade... mas tambem não nasci orador... Se eu tivesse essa felicidade, não estarieis agora a cabecear. Atendei um momento mais, porêm. Eu terminarei, *quand même*...

***

Miguel Bombarda disse uma vez, num discurso: "O cerebro da criança é em geral como cêra mole que toma todas as fórmas que se lhe queiram dar. Ha exceções. Cerebros ha que resistem a toda a influencia educativa, e para o bem ou para o mal, são eles proprios e recusam-se a toda a influencia educadora. Mas a maior parte dos homens nasce com um cerebro informe, indiferente, que será facilmente modelado pela ação do meio. Num meio vicioso dará um alcoolico, um ladrão ou mesmo um assassino. Num meio fradesco, e sobretudo num meio jesuitico, dará um humilde, um submisso, um obediente, um denunciante, um hipocrita."

Perfeitamente. E desse "meio jesuitico" é que eu, camaradas, procurei vos dar uma ideia, fazendo ressaltar os seus aspectos mais caracteristicos, ou que mais gravados me ficaram na memoria. Como vos disse ao começar, eu não pretendia fazer conferencia ou estudo sobre os metodos de educação usados por mestre Loyola. Isto seria, sem duvida, mais interessante. Infelizmente, porêm, eu sou, por indole, incompativel com essa especie de trabalhos. Eu sou um estouvado. Um irrequieto. E talvez um futil... As minhas retinas não sabem guardar mais que as impressões exteriores e pitorescas das coisas. Os meus sentidos, por isso mesmo que são ativissimos, se distraem facilmente á flor do meio ambiente... e aí ficam borboleteando, trefegos e curiosos... Ou, si penetram mais fundo, param a cada momento, com vontade de retroceder... A proposito, vale dizer que, por varias vezes, tenho ido de encontro a alguns postes na rua, pelo facto de seguir de cabeça erguida o vôo duma andorinha. Deploravel... pois não?

Como quer que seja, eu vos mostrei padre Loyola, no seu papel de mestre, tal e qual como o vi e senti. Ele desempenha esse papel com uma maestria inexcedivel. Com uma maestria *ele-proprio*: maestria jesuitica. E, como vistes, é um papel que o torna particularmente perigoso... Loyola é um perversissimo escultor de cerebros. "Cera mole" que lhe cai nas mãos, é cera perdida. Sai "estatua divina". E as "estatuas divinas" são sempre detestaveis. São divinas... E só as "estatuas humanas" podem fazer bem ao homem.

Que embrulho!

Diz o *Correio do Povo*, que aqui se publica, em seu numero de 21 do fluente, sob o titulo de «De capela a estrebaria»:

Lemos no *Alegretense*, do Alegrete: Pessoa vinda do Rosario informou-nos que o padre daquela paroquia teve ha pouco um gesto interessante.

E' o caso que, existindo ali uma antiga capela, onde eram rezadas as missas, foi mais tarde fechada, devido a construcção de uma nova igreja, onde passaram a ser praticados os actos religiosos. O padre, então, julgando que a capela devia servir ainda para alguma coisa, pôs lá dentro o seu lindo rocinante, transformando-a assim de um templo sagrado em uma fétida estrebaria.

Diz tambem em suas noticias telegraficas de 13 deste: «Rio 13 — O arcebispo de Mariana, d. Silverio, publicou uma pastoral, ameaçando de excomunhão os leitores da revista *O Malho*, que se publica nesta capital».

Imaginem os srs. carolas que embrulho danado vai nesses negocios da religião! Um bispo excomunga o fiel que ler o *Malho* pelo simples facto de não comungar com as hipocrisias da Igreja, enquanto que o padre do Alegrete, outro ministro, faz da «casa do senhor» uma cocheira para seu bucefalo!

Que grandes pandegos são esses patifes!...

***

Monsenhor Octaviano de Albuquerque, vigario geral, cura da catedral e celebre na diocese da Rio Grande, onde lhe quizeram dar cabo do canastro, dirigiu ha dias atrás um apelo aos fieis, solicitando auxilio pecuniario para atender ás despesas com a solenidade da Semana Santa, alegando pobresa da mesma catedral, isso enquanto o joven e *smart* arcebispo, que tanta revolução causou, de chegada, ao Clero, transferindo uns e protegendo outros, mudando séde de seminarios e provocando aplausos ás piedosas e chiques devotas, faz... aquisição de riquissimas equipagens, cavalos de fina raça, cocheiros de libré, palacetes luxuosos, em via de construção, enfim não mede *sacrificios* pora pôr em nova circulação o montão de *arame* que tanto custou a juntar a d. Claudio, seu antecessor, graças á fé catolica de suas fieis ovelhas, sempre dispostas a tosquia.

E tudo isso em completo antagonismo. — Um bispo a ralhar com os fieis para não lerem o *Malho;* um padre faz de um igreja baia de seu cavalo; um arcebispo luxa desordenadamente e o Octaviano, que é fino e passado *nagua quente*, pede esmolas para a sua bacalhoada!...

Que grandes musicos! E nós vamos repetindo a maxima latina: *Qui recte novit orare, recte novit vivere.*

A. J. da Boa-Sorte.

Porto Alegre, março de 1913.

A SEMANA SANTA EM LISBOA

Na sua espirituosa secção *Migalhas*, a *Capital*, de Lisboa, publicou na quarta-feira «de trevas» a seguinte fantasia de André Brun:

O meu correio da manhã trouxe-me esta desoladora epistola:

... Senhor.

Chamo-me Filomena; a mamã chama-me Fifi, e tenho vinte e tres anos.

Sou magra, tenho má côr, cômo pouco e um senhor doutor, médico de consulta em farmacia, disse ha tempos ao papá que eu precisava de casar. Tambem sou da opinião daquele clinico inteligente. Passo os dias pendurada na janela, levo a familia todos os domingos á Avenida e costumo ir com uma prima, de lunetas, que tenho, ás soirées do Lisboa-Club. Tenho tido ultimamente namoros, mas todos muito tenues. Ainda nenhum se atreveu a pedir-me ao papá, que não sabe dizer que não a certas coisas e é muito amigo de me fazer vontades. Por meu mal, desde que se proclamou a Republica, diminuiram as minhas probabilidades de matrimonio. Antigamente havia, para as pequenas na minha situação, não só o beija-pé ao Senhor dos Passos em S. Roque, que nos era muito favoravel, pela escuridão propicia aos devaneios amorosos, mas ainda e principalmente a Semana Santa que, pelo mesmos motivos, era o nosso S. Miguel. Saía meio mundo á rua: os rapazes solteiros logo de manhã se aperaltavam para a patuscada da tarde. Bem sei que a maior parte eram uns atrevidos que só queriam chacota; mas no mólho sempre havia alguns bem intencionados que caíam.

O sr. Afonso Costa acabou com tudo isso. A abolição da semana santa desgraçou as industrias de doce: o namoro e as confeitarias. A uma comissão de donzelas que o procurou ultimamente, respondeu aquele hereje que tinhamos os cinematografos e as fitas de quatro mil metros. Ah! Bem se vê que o autor da Lei da Separação nunca foi menina solteira. Em primeiro lugar, o animatografo custa dinheiro e as igrejas eram de graça; em segundo lugar, nunca o Cretinetti infundirá em espiritos masculinos aquela ponderação necessaria e aquele recolhimento de erpirito que alguns camelos com a bossa matrimonial sentiam ante um altar com sete mil lumes, como costumava ser o de S. Nicolau.

Registe, pois, o meu protesto, senhor redactor, contra a guerra movida á Semana Santa.

Sua,

Filomena Pires

Pela copia — **André Brun**

ADOLFO VASQUEZ GOMEZ

Os novos problemas sociais, foi o tema desenvolvido por este propagandista do livre pensamento na sua conferencia realizada na sexta-feira, á noite, no Salão Celso Garcia.

Vazquez Gomez, interrompido constantemente pelos aplausos da assistencia, falou cerca de duas horas sobre a questão social em suas varias manifestações na vida moderna, demonstrando como citações historicas que a humanidade, de conquista em conquista, tem caminhado sempre para novos estadios de civilização, preparando-se presentemente para o estabelecimento do regimen da igualdade economica, fundamento basilar da felicidade social.

Vazquez Gomez é de palavra clara e eloquente e expõe com facilidade os grandes ideais de emancipação social que convulsionam fortemente toda a humanidade.

Infelizmente, o espaço limitado de que dispomos não nos permite fazer aqui, como era nosso desejo, um apanhado completo da conferencia do ilustre propagandista do livre-pensamento.

A sua segunda conferencia terá por tema — *A influencia da mulher no futuro da humanidade.* Realizar-se-á no Salão Germania, á hora de entrar a *Lanterna* para o prelo.

Terça-feira proxima Vazquez Gomez iniciará a sua excursão pelo interior, devendo visitar Campinas, São Carlos, Jaboticabal e Ribeirão Preto. Irá depois a Santos e Guaratinguetá, seguindo dali para o Rio.

Empenhados como estamos na divulgação, neste vasto paiz, dos grandes ideais de transformação social, recebemos sempre com simpatia todos aqueles que aqui vêm fazer deles desapaixonada exposição, sem ter em conta as divergencias de escola que dividem em campos diversos os seus partidarios.

Bemvindos sejam sempre todos os propagandistas que a esta terra vêm sincera e lealmente ventilar esses grandes problemas sociais que são agora aqui e por toda a parte a preocupação maxima da humanidade.

A esses não negaremos jamais o nosso apoio. Aqui não devem ser unicamente bem recebidos os que trazem uma consagração oficial para, em troca de alguns elogios *desinteressados*, levarem a bolsa recheada.

Os propagandistas sinceros, ainda que modestamente apresentados, merecerão sempre a nossa franca simpatia.

Biblia vermelha

Vivemos na revolução e pela revolução. A historia toda da humanidade é uma revolução contínua.

A revolução é a origem, o desenvolvimento, a mudança e o progresso da evolução da vida mesma.

Se o homem, a humanidade deixassem de ser revolucionarios, deixariam de existir. A revolução é a vida.

Liebknecht.

"A Lanterna" no Rio Grande

Num jornal vimos o seguinte anuncio:

«LIGA MONARQUICA D. MANOEL II — Em nome do directorio convido todos os associados a reunirem-se domingo, 16 do corrente, ás 2 horas da tarde para tratar-se de assuntos de magna importancia á nossa causa. — O 1º. secretario, *Nunes Duarte.*»

Se não fôra a preponderancia e desfaçatez com que tem manifestado ultimamente a seita negra no Brazil, decerto estranhariamos anuncios que, como o acima, dissessem claramente: reunamo-nos para conspirar. Todavia, onde entra o padre tudo póde suceder, até mesmo as pedras falarem.

E' sabido que a nossa comica Constituição garante o direito de reunião a todos os cidadãos.

Mas consentir uma reunião para conspirar contra uma nação amiga, que está fadada a representar mui proximamente o papel dignificador de republica democrata, é traír o sentimento republicano, é desconhecer o santo sacrificio dos martires da liberdade, que não tem tido patria através dos seculos, para fazerem germinar no universo o principio da fraternidade humana.

Ainda que essas conspirações a distancia de centenas de leguas não sejam mais que armadilhas preparadas pelos espertos jesuitas agitadores aos incautos e pirronicos apatacados que, estimulados em suas vaidades, lhes vão levar suas vantajosas contribuições, como intuito de fazer guerra á Republica, mas que na verdade outro fim não teem que a sustentação de meia duzia de exploradores.

E dizemos — nossa comica Constituição, porque, ao roupeta manhoso e aos seus proselitos, tudo faculta, enquanto que para o trabalhador honesto e produtor tem o carcere e a despotica lei de expulsão.

Sem comentar, protestamos e chamamos a atenção do governo para as tais conspirações que, com o auxilio de 18 mil padres que invadiram o Brazil, de alguma forma virão fazer vibrar os sonhos de meia duzia de mentecaptos nacionais. E' sempre melhor prever...

Mars.

Rio Grande, 14 — 3 — 913.

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

Balcans

OS EFEITOS DA GUERRA — Os secretarios das organizações operarias da Sérvia e da Bulgaria, em cartas ao Secretariato Internacional das associações de oficio, dão uma rapida ideia da pavorosa situação economica e politica dos trabalhadores balcanicos, por causa da guerra. Raras são as noticias e as cartas de lá, porque «é aplicada a mais severa censura mesmo á correspondencia particular».

Na Servia, as sédes das associações operarias foram ocupadas militarmente, proibida a publicação dos jornais operarios, destruidas as tipografias. As familias dos associados estão na mais horrivel miseria.

Na Bulgaria, dos dez mil trabalhadores organizados só quinhentos ficaram em casa. A guerra paralisou a produção: só se trabalha para o exercito. Declarou-se o estado de sitio e a censura cai até sobre as conversas particulares na rua. São proibidos os comicios e estão suspensos os jornais operarios e socialistas. As associações — não o Estado, não a «Patria» — teem procurado valer ás desgraçadas familias dos associados partidos para a guerra, muitos para sempre. A miseria do povo é indescritivel. Os preços dos generos subiram consideravelmente. O movimento operario está arruinado para muito tempo. O futuro é negro.

Que os povos se revejam neste espelho — e tratem de impedir as guerras, seja como for!

China

A TERRA AO CAMPONEZ! — Após a revolução politica, começaram as lutas operarias com exito.

Agora é o despertar dos camponeses. Os colonos da provincia de Chek-kiang associaram-se, jurando não pagar rendas e praticar entre si a fraternidade e a igualdade verdadeiras. Os senhores apelaram para a autoridade, que enviou soldados; mas estes tiveram de retirar, depois de um combate aceso.

Na sua ultima proclamação, os valentes rurais chineses declaram:

«Não daremos nem um *tael* aos proprietarios! As terras pertencem-nos, a nós que a cultivamos. Se querem matar-nos, pois bem! aqui estamos nós, homens, mulheres e crianças, dispostos a defender os nossos direitos!»

Segundo parece, o movimento estendeu-se já a tres provincias mais. E ainda ha pouco os orgulhosos brancos chamavam barbaros aos chineses!

Estados Unidos

A BIBLIA E A SCIENCIA — No Estado de Texas não póde ser adoptada nas escolas superiores a «Historia Geral» de Myers, porque a isso se opuseram vivamente os catolicos e os baptistas. E porque se opuseram?

Porque Myers não começa pelo Genesis biblico nem por Adão! O historiador limita-se a expor de forma simples e clara as ultimas conclusões dos estudos historicos e scientificos, já admitidos por todos.

Nos Estados Unidos foi, entretanto, descoberto ha pouco um craneo, parecido com o de Neanderthal, mas ainda mais antigo, provando que a America já era habitada muito antes da «creação do mundo»...

Palestina

RIVALIDADES COMERCIAIS — Após uma discussão acalorada, por ocasião duma visita ao Santo Sepulcro, envolveram-se em desordem popes gregos e padres catolicos, tendo de intervir os soldados turcos para os separar...

Decerto, cada partido gabava a sua mercadoria e desfazia na do outro. Estes negociantes de «verdades» divinas são levados da breca

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

Sindicato dos Pedreiros, Estucadores e Serventes — Teve grande concorrencia a reunião da classe que este sindicato representa, realizada no dia 15.

Os representantes do S. O. de O. Varios fizeram uma palestra sobre os fins do sindicato de resistencia, que tende aos melhoramentos imediatos dos trabalhadores e á sua preparação para a conquista derradeira — a sua emancipação economica e social.

Em animada troca de ideias entre os presentes, foram tomadas diversas deliberações tendentes ao progresso do sindicato.

Foram registradas novas adesões de socios.

— A commissão administrativa do sindicato reunir-se-á todas as terças-feiras, ás 7 horas da noite, na séde social, rua do Carmo, 36 (moderno).

União Grafica — Apesar de certo indeferentismo da classe, outrora tão entuziasta pela sua organização, a União Grafica prosegue no seu paciente trabalho associativo.

Ha dias apareceu o terceiro numero do seu excelente orgão — *O Grafico*, trazendo bons artigos e uteis informações.

A sua séde social está na rua Riachuelo, 43, onde mantém uma boa sala de leitura á disposição dos seus socios.

União dos Canteiros — Esta velha associação de resistencia continua em actividade, trabalhando para o melhoramento economico e moral dos seus associados.

O seu orgão, *O Operario Canteiro*, vai aparecendo com regularidade, mensalmente. O seu endereço é: Rua Belêm, 26.

Reunião de propaganda — Esteve bastante concorrida e animada a reunião de propaganda promovida pelo Sindicato O. de O. Varios e realizada na quinta-feira, no Salão Alhambra.

Falaram varios companheiros sobre a necessidade da organização e dos resultados que ela proporciona á propaganda social.

Com o fim de levantar os sindicatos das respectivas classes, foram reforçadas as comissões dos trabalhadores em madeira e dos metalurgicos, reunindo-se aquela hoje, á noite, na rua do Carmo, 36 (moderno), e esta na segunda-feira, no mesmo local.

Sindicato Operario de O. Varios — A comissão administrativa deste sindicato reunir-se-á ás segundas-feiras, ás 7 horas da noite, na rua do Carmo, 36.

— No mesmo local e á mesma hora, realizar-se-á, no dia 23, uma assembleia geral dos socios para serem discutidos diversos assuntos de importancia.

NO MACHADO (MINAS)

Apenas com um mez e pouco de existencia, já a L. O. M. regista um numero de 96 socios. Dia a dia vai-se desenvolvendo entre os mesmos entranhado amor á associação, a qual todos esperam que não tarde a produzir bons frutos.

No dia 20 deste a L. O. M. pretende juntar os seus protestos aos companheiros daqui e do Rio, contra a carestia da vida que tambem agrava a situação do operariado naquela zona sul-mineira.

Preparam-se na mesma grandes festejos para a solenização do 1º. de maio, data da confraternização universal dos trabalhadores.

Alguns empregados do comercio prestaram sua adesão á L. O. M., que gostosamente os acolheu como socios, atendendo ao exemplo da C. O. B., que admitiu como confederada a Fenix Caixeiral.

Seus estatutos vão ser impressos na tipografia do semanario anti-clerical machadense *A Liberdade*, que apenas cobrará o custo do papel e a diaria dos tipografos, prova de desinteresse que deve ser imitada por todos os que se dizem amigos das classes proletárias.

A L. O. de Campinas tem remetido áquela sua co-irmã pacotes de publicações referentes á questão operaria, acto de solidariedade que muito tem penhorado os socios da L. O. M.

Tem causado ótima impressão a campanha que tão inteligentemente teem empreendido a C. O. B. e outros nucleos de resistencia em prol dos direitos dos trabalhadores, e que se tem revelado nos ultimos grandes comicios do Rio e S. Paulo.

Enviando parabens aos trabalhadores machadenses, hipotecamos-lhes daqui o nosso franco apoio.

A Igreja, como a hera, vive do sangue alheio. A hera, do olmo. A Igreja, dos povos. A's vezes, a hera aniquila a arvore que a sustenta. A Igreja aniquila os povos que a alimentam.

Emilio Castelar.

"A LANTERNA"

Em Santo Antonio da Barra

Por meio desta venho dar publicidade, no vosso conceituado jornal de combate, a uma infamia cometida por um diplomado, que pretende zelar pela saude do proximo, e abusou de uma moça pertencente a uma familia residente em Santo Antonio da Barra.

O procedimento deste infame D. Juan não pode ser mais baixo e vil, pois é homem casado e com filho.

Não é a primeira vez que comete taes abusos, desonrando moças e levando a infelicidade ao lar familiar. Por isso venho por meio desta dar conhecimento a todas as familias honradas a não travarem relacção intima com este monstro, porque onde passar deixa o rasto da sua perversidade.

E a lei Adolfo Gordo? Ah! eu não sabia que foi criada só para trabalhadores honrados. Para os intames D. Juans, caftens de alto coturno e companhia temos outra lei: a da proteção.

Muito bem!

Cabo Verde, 16 — 3 — 913.

Narciso Pardini.

"NO PAIZ DOS FRADES"

Ainda nos restam algumas centenas de exemplares deste excelente romance que, depois de aparecer, com grande sucesso, em folhetim, na *Lanterna*, foi por nós reunido em proveitoso volume de 134 paginas.

Sobre o valor desse interessantissimo livro, como produção literaria e como obra de combate corajoso contra a obra nefasta do clericalismo, já bastante aqui e em outros jornais foi dito.

Com a publicação de *No paiz dos frades*, em que a chaga clerical é exposta com todas as suas podridões, lançou José Rizal a sua sentença de morte. Serviram-se dele os frades que infestavam as Filipinas para conseguirem da rialeza espanhola a ordem de fuzilamento do heroico tagalo.

E' um livro de delicada e sã literatura e de combate audaz ao clericalismo devastador, que merece ter uma larga divulgação.

E é por isso que resolvemos reduzir o seu preço para menos de metade, vendendo-o agora a 300 reis cada exemplar, na redacção, e 600 réis, registado pelo correio.

Para a compra em porção de mais do 20 exemplares fazemos ainda uma redução de 15 por cento.

As associações e grupos de propaganda farão boa obra divulgando *No paiz dos frades* entre os seus agremiados, contribuindo assim, tambem, para que, exgotada a sua edição, possamos editar um outro livro.

NUCLEOS DA VANGUARDA

NO RIO

Centro de Estudos Sociais — Em reunião realizada no sabado transacto, fundou-se no Rio uma agremiação com o titulo acima, que se dedicará á propaganda doutrinaria dos ideais de renovação social por meio de biblioteca, conferencias, palestras, folhetos, etc.

Ao que nos informam, o Centro de Estudos Sociais já conta com a adesão de uma valorosa pleiade de jovens, cheios de entusiasmo e inteligencia, contando-se entre eles algumas figuras de destaque na literatura e no jornalismo brasileiro e diversos jovens das escolas superiores, que dentro em breve vão iniciar uma série de conferencias e palestras publicas de divulgação do ideal libertario.

A sua direcção provisoria é: Caixa postal, 1427, Rio.

EM NITEROI

G. G. de Estatutos Sociais — Peço o comparecimento de todos os socios, afim de tratar de assuntos de interesse para o mesmo, á sua séde, sita á rua Padre Marcelino (Avenida «Fiat Lux», 5), no domingo, 20 do corrente.

Pelo grupo, o secretario *Almiro Mota.*

Materia preterida

Deixamos de fóra muito originais. A «Lanterna» transformada em diario, Contra a lei de arrocho, A canalha da imprensa e *muitos outros artigos foram preteridos.*

Paciencia, que outro remedio não ha.

Aos nossos assinantes

Lembrem-se todos de que sem azeite a Lanterna não poderá alumiar o que por aí vai...

Avisamos aos nossos amigos da Linha Paulista que vão ser visitados pelo nosso companheiro viajante Abranches da Rocha, que se acha em viagem.

Na Capital e na Lapa

estamos procedendo á cobrança das assinaturas.

Pedimos aos nossos assinantes que não possam ser facilmente encontrados, deixarem em casa a importancia dos seus debitos, para nos poupar trabalho.

A INTERNACIONAL

A pé! ó vítimas da fome!
A pé! famélicos da Terra!
A ignea Razão ruge e consome
A crosta bruta que a soterra!
Cortai o mal bem pelo fundo!
A pé! a pé! não mais senhores!
Se nada somos em tal mundo,
Sejamos tudo, ó produtores!

BIS
Bem unidos, façamos,
nesta luta final,
duma Terra sem amos,
a Internacional!

Messias, deus, chefes supremos,
Nada esperemos de nenhum!
Sejamos nós que conquistemos
A Terra-mãi livre e comum!
Para não ter protestos vãos,
Para sair deste antro estreito,
Façamos nós, por nossas mãos,
Tudo o que a nós nos diz respeito!

Bem unidos, etc.

Crime de rico, a lei o cobre,
O Estado esmaga o oprimido,
Não ha direitos para o pobre,
Ao rico tudo é permitido.
A' opressão não mais sujeitos!
Somos iguais todos os seres;
Não mais deveres sem direitos,
Não mais direitos sem deveres!

Bem unidos, etc.

Abominaveis na grandeza,
Os reis da mina e da fornalha
Edificaram a riqueza
Sobre o suor de quem trabalha.
Todo o produto de quem súa
A corja rica o recolheu;
Querendo que ela restitua,
O povo só quer o que é seu.

Bem unidos, etc.

Fomos do fumo embriagados!
Paz entre nós, guerra aos senhores!
Façamos greve de soldados:
Somos irmãos, trabalhadores,
Se a raça vil cheia de galas,
Nos quer á força canibais,
Logo verá que as nossas balas
São para os nossos generais.

Bem unidos, etc.

Somos o povo dos activos,
Trabalhador forte e fecundo,
Pertence a Terra aos produtivos,
O' parasita deixa o mundo!
O' parasita, que te nutres
Do nosso sangue a gotejar,
Se nos faltarem os abutres,
Não deixa o sol de fulgurar!

Bem unidos, etc.

A "Lanterna" em Santos

A Semana Santa... Ah! foi o espectaculo mais deprimente a que tenho assistido durante este ano de Nosso Senhor Jesus Cristo...

A semana santa aqui não foi só deprimente, foi carnavalesca, pois deixou bem patente a hipocrisia beocia dos ratos de igreja.

Os catolicos, geralmente pobres de espirito, sem chapéu, andaram por estas ruas afora, no meio de uma forte tempestade!

E' o cumulo do fanatismo. E o cordão carnavalesco (procissão dos passos) andou precisamente uma hora em meio de um terrivel aguaceiro. Não houve beatos nem beatas que não tomassem o banho... que Deus mandou.

As pessoas mais *gradas* da sociedade andavam de ópa e de cirio em punho, implorando a Deus, ou quem sabe se até ao Diabo, que acabasse com a chuva... mas o homem das longas barbas, o Eterno, fez ouvido de mercador.

***

Um tonsurado, o dr. A. Malatesta, —pela Santissima Trindade, não confundir com o nosso camarada E. Malatesta! poz-se a vomitar do pulpito uns improperios contra os operarios...

Ora o tal!

Isso é digno dum ignorante, dum desequilibrado, porque embora os operarios sejam hostis para com a religião, são tolerantes para com os seus terriveis inimigos.

Mas o que mais irrita nessa palhaçada toda foi a despotica acção da policia. Um qualquer individuo, por não tirar o chapéu era preso. Mas não nos devemos admirar disso, pois o nosso muito digno amigo o famigerado bacharelete B. B. não recebeu bençam do papa para outra coisa...

De resto, enquanto não estabelecermos uma campanha tenaz contra essa corja de ladrões só veremos isto: agua benta, hostias e exploração por todos os cantos.

***

Consta que alguns companheiros vão fundar um centro livre-pensador, atendendo assim ao apelo do companheiro Adrecal.

José Aladio.

Santos, 23 — 2 — 913.

NO RIO

FESTA DE PROPAGANDA SOCIAL

O Grupo Dramatico Anticlerical, novel e proveitosa agremiação fundada por um nucleo de activos socios da Liga Anticlerical, organizou uma magnifica festa de propaganda, que se realizará no dia 30 do corrente, no Teatro Centro Galego.

E' o seguinte o seu bem compilado programa:

1.ª PARTE — *Primeiro de Maio*, drama social em 1 acto, de Pedro Gori;

2.ª PAREE — Conferencia pelo camarada dr. José Oiticica, que dissertará sobre o tema — *O trabalho livre*;

3.ª PARTE — *Amanhã!* peça social em um acto de Manuel Laranjeira;

4.ª PARTE — Baile familiar.

Os cartões de ingresso para esta bela velada encontram-se na séde da Liga Anticlerical, rua Marechal Floriano Peixoto, 118.

Os clichés da "Lanterna"

Resolvemos vender todos os clichés já publicados pela *Lanterna* e que podem ser aproveitados para almanaques, revistas, jornais, avulsos, etc.

Preços, livres do porte e do registo do correio: de 3 colunas, 3$000; de 2, 2$000.

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias e da indicação dos ns. em que foram publicados.

Canhenho do Sacy

Mais de 100:000$000 ao Verbo Divino — Escandalo administrativo em Minas

— Ha seguramente seis mezes que tu não dás sinal de vida, Sacy.

— E' verdade. Não é que tenha arrefecido o meu temperamento de um Sacy que se preza.

Mas, ha, mesmo na vida de um Sacy, occasião em que elle necessita, como qualquer mortal, de cuidar da vida...

O tempo tem-me sido escasso, si bem que sobejem os assuntos palpitantes.

— E' verdade, Sacy.

— Ainda agora bem em fóco temos o escandalo da concessão ao «Verbo Divino», feita pela prefeitura desta carolissima Belo Horizonte...

Isto é para formar ao lado dos contos do grande rosario de concessões congeneres, feitas pelos nossos homens de governo, ou melhor — de desgoverno, que não cessam de ser republicanos de uma Republica de farrapos.

Republicanos que qualquer dia entregarão este desventurado paiz a um pretencioso D. Luiz de Bragança ou a outro representante do Papa, para dele fazerem os clericais uma monarquia consolidada nos alicerces da grande casa comercial de Roma, sob a direção de s. s. o muito digno representante do Cristo, no Vaticano!

A parte que nos toca, já vai ser feita nos alicerces ora concedidos ao «Verbo Divino», e que eram destinados ás municipalidades mineiras, para a sonhada «Exposicão Permanente», tão bem ideada e tão mal fadada...

— São coisas, Sacy.

— Sim, são coisas, mas coisas de paiz perdido, como está o nosso, em que só os homens desonestos teem assento no poder, que afinal é o seu lugar.

Desde a sua descoberta que o Brasil vem sendo explorado pela cafila clerical, e só devido ás suas infindaveis fontes de riquesas naturais, ainda não capitulou de todo, caindo em poder absoluto dos santos representantes de Jesus Christo.

As suas riquezas teem chamado elementos sem preconceitos, e é isto que tem lhe valido a liberdade de ainda não ser de todo um prisioneiro do Vaticano...

Mas nem por isto lhe faltam os ladrões, nem por isto elle escapa de possuir governantes desleais, ineptos e inconscientes, que supõe por a salvo a sua alma das garras do averno, entregando o que lhes não pertence, aos falsos representantes de Deus, a esses insaciaveis mendigos abastados que são os padres, e toda a caterva que os bajula.

— Mas ha ordens religiosas que prestam serviços a humanidade, educando as crianças, socorrendo os necessitados...

— Puro engano, meu amigo.

Todas essas ordens religiosas teem a capa de caridosas, de instrutoras da infancia, e por isso vão apanhando os niqueis dos papalvos, quando não apanham boladas de cem contos de réis, ou de mais, como acontece agora com a doação do terreno e alicerces da ex-futura Exposição, latrocinamente doados a uma congregação cujo nome se recomenda por ser originario de uma legenda...

Verbo Divino, é assim como quem diz — Conto do Vigario — pois nada representa, sinão uma fabula, em que um S. José via a esposa dar a luz, por obra e graça do Espirito Santo, assim como aquele portuguez cuja esposa, depois de uma ausencia de quatro anos, deu á luz a um *filho do mesmo portuguez*, concebido.. em sonho!

— Coisas da vida, meu amigo.

— Sim, coisas da vida, que acontecerão emquanto houverem tolos que sustentem os barrigudos de corôas, representantes das *benemeritas* ordens religiosas, cujos rotulos apenas as distinguem umas das outras, mas cujos fundos são todos rotos, como rotas são as consciencias dos seus dirigentes, dos Faustinos et caterva...

Aqui infelizmente ellas se vão implantando mansamente, com o indispensavel auxilio do governo, ora lhes dando em dinheiro 200:000$, como fez o de Silviano ou Sales, para a matriz de S. José — congregação dos primos-tratantes ou redemtoristas — ou terrenos valiosos, como abiscoitou o «Colegio Santa Maria» — congregação não sei de que, mas cujo unico fim é extorquir dinheiro do povo, ministrando a peso de ouro uma educação erronea ás crianças, cujo ingresso no colegio é preciso ser precedido da pomposa declaração de serem filhos de pais abastados e de serem brancas!...

Ora é o caso vertente em que se mete, sob pretexto de ser imprestavel, um proprio do Estado, em que todas as municipalidades são condominas, nas mãos de uma congregação religiosa explorada por frades estrangeiros, ignorantes e ladravazes, como sóem ser todas as congregações banidas das nações civilizadas.

— E' verdade, Sacy. A meu ver, se nenhuma utilidade pudesse vir a prestar a Exposição, o melhor caminho não era o governo se desfazer dos alicerces e terrenos existentes, assim clandestinamente.

Era aproveitando-os para o fim destinado em seu começo, ou chamando concurrentes para uma venda em hasta publica, em que tanto poderiam concorrer as congregações como qualquer particular ou mesmo alguma das municipalidades condominas, que os quizesse explorar.

Seria mais acertado, e sobre tudo mais honesto...

— Mas o que queres, meu amigo? Estamos no caminho de uma restauração monarquica, em que teem de tomar parte saliente os clericais, e eles vão-se preparando, se premunindo de dinheiro e de consciencias venais, de elementos compostos de Meireles, Belisarios, Hermes, e que tais...

Infelizmente são poucos os bons lutadores para os decretos de banimento...

Sacy.

B. Horizonto, abril — 913.

FESTA DE PROPAGANDA

EM S. PAULO

No dia 30 do corrente, ás 8 horas da noite, no Salão Celso Garcia, rua do Carmo, 39, terá lugar uma festa de propaganda, que constará do seguinte programa:

1.ª PARTE — *L'Ideale*, peça social em um acto, em verso, de Pedro Gori;

2.ª PARTE — *Sangue fecondo*, drama social em dois actos;

3.ª PARTE — *La piccola revolucionaria*, monologo;

4.ª PARTE — Grande quermesse;

5.ª PARTE — Baile familiar.

Bilhetes e recados

Paulista — Abranches: Recebidos os dois vales de Campinas, as listas e mais apontamentos, que foram todos feitos de acôrdo com as indicações. Guardaremos o *G.* e a *T. L.* Mandaremos jornais logo que indiques com tempo para onde deverão ir. Realmente ha cidades onde levamos cada estafada... E' um camarada sempre cheio de boa disposição. Escreverei. Saudações de todos.

Rio — Adrecal: Já lhe transmiti o teu recado. Escrever-te-á. Saude!

S. Pedro — M. C.: Ainda não apareceu em livro. E' uma tradução especial para a *Lanterna*. Saudações.

Cachoeira — A. F. da S: A transferencia foi logo feita. Deve ter havido estravio. Gratos pelas afirmações de simpatia para com o nosso jornal. Saudações.

S. S. dos Correntes — A. A. B.: Registamos o nosso assinante de Itabira. Irão tambem algumas para o *bicho*... Saudações.

Santos — M. G. R.: Fizemos a transferencia. Saudações.

Pirajú — Correspondente: Não se arreceie. Seremos a esse respeito mudos como um frade de pedra... Saudações.

Quixadá — C.: Será publicada. Continue. Receberá mais pacotes para a propaganda. Esperamos pela lista de assinantes. Agradecidos lhe ficaremos pelo que fizer em favor do jornal. Saudações.

Florianopolis — C. E. de M.: Pois com toda a regularidade tem sido expedida. Seguiu o n. extraviado. O cliché ainda não foi devido á dificuldade em encontrar o retrato. Registamos o novo assinante. Seguirá o recibo.

Sabará — Z. H.: Recebemos o vale para a subscrição voluntaria em favor da *Lanterna*. Vamos remeter-lhe a lista. Sentimo-nos devéras satisfeitos ante essas demonstrações de simpatia pela obra do nosso jornal. Saudações.

Sertão de Minas — Z. Z.: Cremos ter satisfeito todo o seu pedido e respondido a todas as consultas de sua de 6. Excelentes as disposições da nova agremiação. Oxalá os seus esforços produzam os resultados almejados, fazendo surgir novos nucleos em outras localidades. Registamos os novos endereços. Mandaremos jornais. Saudações.

S. Paulo — C. S.: Não é motivo para tomar uma tal resolução. O periodo da *séca* ha-de passar e então... Saudações.

Nicteroi — Gildo: Bravissimo! Iniciativas como essas dão-nos verdadeiros banhos de entusiasmos e de energias novas. Com um nucleo de alguns camaradas que, com pulso firme, impessam algum desvio, muito se poderá conseguir com o apoio desses *novos*. Irão os endereços. Boas as anedotas. Entendo que mesmo por um golpe de audacia devemos executar o projecto. Esta indecisão enerva. Saude!

Mogi das Cruzes — M. Gillardi: Satisfez-nos o recebimento da sua de 14 com a noticia da fundação da nova agremiação de combate. Oxalá não se arrede ela de sua rota, como tem acontecido com muitas das que por aí existem. E' justamente onde eles têm prestigio que a luta deve ser mais activa. Apontados como tais somos nós em toda a parte. Somos para eles o diabo em pessoa... Ha muita dificuldade a vencer, mas isso deve ser mais um estimulo para a batalha. Aceitamos com satisfação o seu oferecimento, agradecendo-lhe antecipadamente o que fizer pelo jornal, que já é vendido aí. Saudações.

Campinas — G. P.: O A. comunicou-nos o recebimento dos 3$ da *T. L.* Que tal? Já seguiu o oficio. Saudações.

Jundiahi — J. L. F.: Do companheiro Abranches recebemos o seu recado sobre a conferencia. Vamos providenciar. Saudações.

Rio — Jango: Vens? Que ha de novo? Em casa vai-se rodando. Saude!

Sorocaba — L. de M.: Como verá em outro lugar, vai-se fazer por ele tudo o que fôr possivel. Em tal lugar bem não se passa... Publicaremos tudo quanto soubermos a respeito. Saudações.

Setubal (Portugal) — M. L. S.: Começamos com o presente numero a remeter-lhe o jornal. Saudamos por seu intermedio os combatentes dessa cidade.

Postais de Ferrer

Temos á venda postais com o retrato de Ferrer.

Preço: 1 duzia 1$500 e avulso 200 réis.

FOLHETIM DA LANTERNA (42

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

XVIII

O CONVENTO DAS CARMELITAS

— Sacrilega! Não credes na justiça divina.

— Já não creio em Deus... E vós, os vossos padres, a vossa Igreja, vós todos é que me arrancastes a crença ingenua, inculcada por minha mãe. Eu perdoo-vos o mal que me haveis feito; mas o mal que vós fazeis ha tanto tempo ao mundo, só á custa de muita misericordia vos poderá ser perdoado no dia do ajuste de contas...

Ana de Beuvre estava lívida de raiva.

Minutos depois estavam os três a caminho do castelo de d'Etallondes, tratando Salverio de incutir esperança no animo da freira, toda entregue a tristes reflexões, com a face banhada de lagrimas para chorar a mocidade perdida, agora que se avizinhava dos cincoenta anos...

XIX

VANINI

A's nove da noite do mesmo dia, no pateo do castelo havia uma berlinda de viagem e quatro cavalos de sela. A berlinda era para o Cavaleiro de La Barre e Flor de Maio, devendo a ex-carmelita sentar-se ao lado do cocheiro, que era o proprio Estocada. Os cavalos eram para Salverio, d'Etallondes, de Maillefeu e Cabeça de Ferro.

D'Etallondes fôra a Abbeville e trouxera a senhora de Villancourt, Parmentier e um individuo grave e solene, vestido de preto. Ao chegar ao castelo, Salverio tivera com sua filha um demorado coloquio.

Em quanto a berlinda e os cavalos esperavam, estavam no salão todas as pessoas presentes no castelo, menos Salverio e Flor de Maio. O homem de negro estava de pé no meio, diante duma mesa.

De repente abriu-se a porta do fundo e apareceu Salverio, dando o braço a Flor de Maio, vestida de branco. A senhora de Villancourt, que lhe trouxera o traje virginal, levantou-se, quando todos admiravam e cumprimentavam a jovem, e depondo-lhe um beijo na fronte, disse:

— Minha filha, mereceis a felicidade. E se só de mim depender, tê-la-eis!

Salverio voltou-se para o homem vestido de preto:

— Sr. notario, servi-vos dar começo o vosso encargo.

O funcionario abriu a sua pasta, tirou de lá um papel e principiou gravemente:

— Trata-se de um contrato matrimonial entre o nobre senhor João Francisco Lefèvre, Cavaleiro de La Barre e... Não conheço ainda o nome da noiva...

Fez-se um profundo silencio. Salverio, grave e lentamente, declarou então:

— Genoveva Vanini.

— Vanini! exclamaram d'Etallondes e de Maillefeu.

— Vanini! repetiu a tia de João, angustiada. Sois Vanini?!

— Sou Vanini. Sou o descendente do ilustre e nobre sabio martirizado em Tolosa, sou o ultimo sobrevivente duma familia perseguida pela intolerancia religiosa...

D'Etallondes e de Maillefeu estenderam a mão a Salverio.

— O vosso nome, disse o primeiro, não é sómente sinonimo de martirio. Significa tambem humanidade.

— E sciencia, exclamou Parmentier.

— E luta pela liberdade, ajuntou de Maillefeu.

Todos o rodearam. Salverio, comovido, tinha lagrimas nos olhos. Flor de Maio, suspensa do seu braço, contemplava-o com extase.

— Meu pai! murmurava ela.

— Meus amigos, minha filha, um momento como este compensa anos de amargura.

Por fim, fez-se a calma, e o notario disse:

— Sabeis que a vossa cabeça, e a do sr. Cavaleiro foram postas a preço?

— Bem sei, disse simplesmente Salverio.

— Continuo, então... Entre o senhor Cavaleiro de la Barre e a senhora Genoveva Vanini, ambos presentes, assim como estão presentes as testemunhas e parentes.. Está tudo pronto... Agora só faltam as assinaturas...

A sra. de Villancourt tomou a palavra:

— Meu sobrinho, alem dos seus bens proprios, tem como dote os meus dominios particulares...

— Tia! exclamou João.

— Deixa!... Sou velha e vós sois jovens... Fico com o usufruto até morrer...

— Pronto! disse o notario.

— O meu palacio de Abbeville, com moveis, cavalos e dependencias, é para a encantadora criatura que tenho a honra de receber na minha familia.

Salverio agradeceu, dizendo por sua vez:

— Minha filha leva em dote uma soma, que tenho escondida em Tolosa e importa em cinco milhões de libras de prata, menos um milhão de libras que, segundo vontade de meus pais e desejo meu, será destinado a aliviar miserias.

Passado um momento, o notario pediu que firmassem.

— Depressa, recomendou Salverio. Antes da noite, devemos estar em S. Valerio, onde os noivos embarcarão para Inglaterra... Depressa!...

O Cavaleiro firmou, passando depois a pena a Flor de Maio que, toda tremula, se dispôs a escrever o seu nome. Neste momento, porêm, abriu-se com estrondo uma porta, clamando uma voz:

— Em nome do rei, estais presos!

Era o juiz da senescalia de Abbeville, entre o arcipreste Gerfaut e o conde de Belleval. No corredor ouvia-se o tilintar de espadas, o ruido dos mosquetões batendo no pavimento, a voz de comando dum oficial.

— Alerta! gritara Estocada, desembainhando a espada.

Houve um minuto de espanto, de rumor e de desordem.

— Rendei-vos todos, em nome do rei! repetia o juiz.

D'Etallondes, de Maillefeu, Estocada e Cabeça de Ferro reuniram-se instintivamente e formaram muralha diante de Flor de Maio, Salverio e João.

— Prendei o Cavaleiro de la Barre! rugiu Gerfaut.

— Apoderai-vos do sacrilego bandido Vanini! gritou de Belleval.

— Fugi! fugi! diziam d'Etallondes e de Maillefeu a Salverio, começando a esgrimir.

— Soldados, avançai! ordenou o oficial.

Todas estas exclamações rapidas e violentas se chocaram e cruzaram. Salverio, com Flor de Maio nos braços, quiz sair pela porta da esquerda; mas tambem ali havia soldados. Retrocedeu então, soltando um grito de desespero:

— Maldição!...

TERCEIRA PARTE

Os misterios da Inquisição

I

JARNAC

Jarnac, que se pretendia descendente do historico Jarnac das lendarias estocadas, exercia em Abbeville o oficio de assassino, procurando merecer o preço ajustado para cada façanha. Por isso, ficou mortificado e ferido na sua vaidade quando verificou que o assassinato de Vanini — a sua melhor proeza, a sua obra-prima — lhe saira frustrado. Gerfaut prometera-lhe vinte mil libras, e o sicario tencionava aposentar-se depois desta empresa. Passado o primeiro momento de pasmo e de raiva, Jarnac jurou a Gerfaut que havia de se vingar.

Uma noite, Gerfaut mandou-o chamar para lhe dizer:

— Amanhã cedo vou a Francières, com de Belleval e uma escolta. Irás tambem, conservando-te sempre a meu lado.

Fez-se a expedição, derrotada, ao chegar ao seu destino, por Estocada e Cabeça de Ferro. Quando todos debandaram, de Belleval arrastou Gerfaut em direcção á hospedaria do *Rei da Boêmia*, dizendo-lhe pelo caminho:

— São salteadores: é gente que se bate como feras.

— E Jarnac? perguntou o padre.

— Caiu. Está morto, com certeza.

— Leve-lhe o diabo a alma! disse o arcipreste á laia de oração funebre.

Jarnac, com efeito, caira do cavalo, no momento da fuga. Mas logo que o gascão e o flamengo se puseram novamente a caminho, o falso morto ressurgiu, levantando a cabeça e seguindo com o olhar os dois vencedores. Depois arrastou-se para os campos e correu para Francières, marginando o caminho. Assistiu ao encontro dos dois triunfadores com um grupo de quatro cavaleiros, nos quais reconheceu Salverio, o Cavaleiro de la Barre, d'Etallondes e de Maillefeu, que ele viu voltarem para trás, a galope.

Satisfeito, entrou na primeira casa da aldeia e chamou:

— Olá! gente da casa!

Como ninguem respondesse, olhou em volta e penetrou na casa solitaria, cujos moradores estavam no campo. Pouco depois voltava vestido de aldeão e armado de foice, tendo deixado dentro o seu traje e a sua espada.

Chegou diante do convento quando nele penetravam os dois falsos frades. Depois viu entrarem os outros quatro amigos.

— Haverá traição dos frades? pensou o sicario.

Esperou pacientemente, a coberto duma casa. Quando viu sair o Cavaleiro com Flor de Maio nos braços, sorriu, pensando:

— Parece que mestre Gerfaut perdeu a partida: o rapazote levalha... Mas onde está o meu querido Vanini?...

Quando sairam Salverio e de Maillefeu, dando o braço a uma freira, Jarnac ficou estupefacto, murmurando:

— Isto vai ficando interessante!

Depois aproximou-se do convento, cuja portaria ficara aberta. Dentro, havia rumor, idas e vindas de monjas assustadas. A cancela do jardim estava aberta, e via-se fechado o cubiculo da rodeira, pendendo da fechadura um molho de

(Continúa).